

# II PRÊMIO UFES DE LITERATURA



## Coletânea de Poemas



**Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)**

**Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras**

**CEP 29075-910 - Vitória**

**ria - Espírito Santo - Brasil**

**Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: [edufes@ufes.br](mailto:edufes@ufes.br)**

**Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>**

**Reitor** | Reinaldo Centoducatte

**Vice-Reitora** | Ethel Leonor Noia Maciel

**Superintendente de Cultura e Comunicação** | Ruth de Cássia dos Reis

**Secretário de Cultura** | Rogério Borges de Oliveira

**Coordenador da Edufes** | Washington Romão dos Santos

**Conselho Editorial** | Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

**Secretário do Conselho Editorial** | Douglas Salomão

**Preparação e Revisão de Texto** | Fernanda Scopel Falcão

**Projeto Gráfico** | Gabriel Lança Morozeski, Pedro Godoy

**Diagramação, Capa e Ilustração de Capa** | Gabriel Lança Morozeski

## **II Prêmio Ufes de Literatura 2013-2014**

**Comissão Organizadora** | Fernanda Scopel Falcão, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Washington Romão dos Santos

**Comissão Julgadora das categorias Livro de poemas e Coletânea de poemas** | Lucas dos Passos, Marcelo Paiva de Souza, Marcus Vinicius de Freitas, Paulo Roberto Sodré

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

C694    Coletânea de poemas [recurso eletrônico] / Editora da  
         Universidade Federal do Espírito Santo (org.). - Dados  
         eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2015.  
         124 p. – (Coleção II Prêmio Ufes de Literatura ; 5 )

ISBN: 978-85-7772-294-5

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <[http://repositorio.ufes.br/?locale=pt\\_BR](http://repositorio.ufes.br/?locale=pt_BR)>

1. Literatura brasileira - Poesia. 2. Poesia brasileira -  
Coletânea. I. Editora da Universidade Federal do Espírito Santo. II.  
Série.

CDU: 821.134.3(81)-1

---

# II PRÊMIO UFES DE LITERATURA

## Coletânea de Poemas



**EDUFES**

ORGANIZAÇÃO  
VITÓRIA, 2015



# Apresentação

## Apresentação

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje extinta. As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Edufes com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, e de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades *Autor* e *Antologia*. As categorias autorais foram: Livro de poemas; Livro de contos e/ou crônicas; Livro de romance; e Livro de literatura infantil/infantojuvenil. Para modalidade *Antologia*, as categorias Coletânea de poemas e Coletânea de contos e/ou crônicas.

Os vencedores foram selecionados entre os 223 candidatos que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por dezesseis especialistas divididos em quatro comissões. Entre os vinte e cinco vencedores do prêmio estão escritores do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Paraná e Santa Catarina.

Nesta edição, 6 livros são publicados, de acordo com cada modalidade/categoria: um livro de poemas autorais; um livro de contos & crônicas autorais; um romance autorais, um livro de literatura infantojuvenil autorais, além das coletâneas, que contemplaram, cada uma, os textos de dez autores premiados. Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

# Premiados

## Premiados

### Modalidade Autor

**Livro de poemas:** *Com dias cantados*, de Israel Francisco do Rozário (ES)

**Livro de contos e/ou crônicas:** *Quando não somos mais*, de Vanessa de Oliveira Maranhão Coelho (SP)

**Livro de romance:** *A paz dos vagabundos*, de João Chagas Ligeiro Albani (ES)

**Livro de literatura infantil/infanto-juvenil:** *Pense melhor antes de pensar*, de Renata Regina Dembogurski Machado (PR).

*Obs.: O escritor Vitor Bourguignon Vogas (ES) também teve o livro Irmãos de Leite selecionado nesta categoria, em que houve um empate técnico. No entanto, posteriormente, informou que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.*

### Modalidade Antologia

#### Coletânea de poemas:

“5 poemas quânticos precedidos por 7 estrofes pouco simples”, de Lino Machado (ES);

“ensaio para sair de casa”, de Carina de Lima Carvalho (SP);

“Não deixamos sementes”, de Rafael Luis Zen (SC);

“Antologia”, de Felipe Garcia de Medeiros (MA);

“Casca, casco, caos”, de Marco Antonio Queiroz Silva (SP);

“Sem fôlego”; “Nouvelle vague”; “Bazar & memória”; “Festim do Jardim”, de Adriano Apocalypse de Almeida Cirino (MG);

“Baldio”, de Tauã Valle Pinheiro (PE)

*Obs.: O escritor Tauã Valle Pinheiro informou, posteriormente, que a obra seria publicada por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento do prêmio.)*

“O espanto e o impulso”, de Carlos Nathan Sousa Soares (PI);

“Soja Santarém”; “Assalto ao Chile”, de Edvaldo Fernando Costa (Fernando Nicarágua) (SP);

“Todas as janelas da casa estão meio abertas”; “Num domingo nublado de outono”; “Dum poema escrito num apartamento qualquer”; “Janelas”; “Transitivo”; “Deixa a palavra escorregar”; “Deixa a palavra escorregar II”; “Dia sem luz/casa caiada”; “O Amor é poesia física”; “Ímpeto madrugal (poupa de fruta de um coração por comer)”, de José Vander Vieira do Nascimento (ES).

### **Coletânea de contos e/ou crônicas:**

Cabeceira do aventureiro - Mauro Leite Teixeira (ES);

Vestígios - Marcelo Henrique Marques de Souza (RJ);

A árvore - Rafael Vieira da Cal (RJ);

Historinhas do cotidiano - Liana Rita Gonzáles (ES);

A grande pergunta e outras histórias - Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);

Os que veem profundo - Hugo Augusto Souza Estanislau (ES);

Quem ri por último, ri melhor; Touchè Du Thanathos; Cotidiano em três cenas; Lições - José Ronaldo Siqueira Mendes (RJ);

A partida - Jessica Barcellos Bastos (ES);

Anonimatos; Histórias daqui e dali - Miriam da Silva Cavalcanti (ES);

Solitudes - Eduardo Selga da Silva (ES).

Aproveitamos este espaço para mais uma vez agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, parabenizar os inscritos, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

*Comissão Organizadora do II Prêmio Ufes de Literatura*

# Comissão

## Comissão

Membros da **Comissão Organizadora**: Fernanda Scopel Falcão (Edufes), Orlando Lopes Albertino (PPGL/Ufes), Ruth de Cássia dos Reis (Supecc), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de poemas e Coletânea de poemas***: Lucas dos Passos (Ifes), Marcelo Paiva de Souza (UFPR), Marcus Vinicius de Freitas (UFMG), Paulo Roberto Sodré (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora das categorias *Livro de contos e/ou crônicas e Coletânea de contos e/ou crônicas***: Anne de Souza Ventura (Universidade do Minho - Portugal), Mara Coradello (escritora), Renata Bomfim (AFESL), Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de romance***: Camila David Dalvi (Ifes), Luís Eustáquio Soares (Ufes), Nelson Martinelli Filho (escritor), Saulo Ribeiro (editor e escritor)

Membros da **Comissão Julgadora da categoria *Livro de literatura infantil/infanto-juvenil***: Adriana Falqueto Lemos (escritora), Andreia Delmaschio (Ifes), Karina de Rezende Tavares Fleury (AFESL), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).



# Sumário

## Sumário

- 12 | LINO MACHADO**  
5 poemas quânticos precedidos por 7 estrofes pouco simples
- 30 | CARINA CARVALHO**  
ensaio para sair de casa
- 38 | RAFAEL ZEN**  
Não deixamos sementes
- 50 | FELIPE GARCIA DE MEDEIROS**  
Antologia
- 72 | MARCO AQUEIVA**  
Casca, cascos, caos
- 78 | ADRIANO APOCALYPSE**  
Sem Fôlego  
Nouvelle Vague  
Mariposa (XVI Árabe)  
Festim no Jardim
- 84 | NATHAN SOUSA**  
O espanto e o impulso
- 100 | FERNANDO NICARÁGUA**  
Soja Santarém  
Assalto ao Chile
- 110 | VANDER VIEIRA**  
Todas as janelas da casa estão meio abertas; meio  
Num domingo nublado de outono  
Dum poema escrito num apartamento qualquer  
Janelas  
Transitivo  
Deixa a palavra escorregar  
Deixa a palavra escorregar II  
Dia sem luz / casa caiada;  
O Amor é poesia física  
Ímpeto madrugual (poupa de fruta de um coração por comer)

5 poemas quânticos  
precedidos por 7 estrofes  
pouco simples

## LINO MACHADO

Ex-carioca, Lino Machado trabalha na Ufes, com satisfação crescente, desde 1993. Atua em Literatura Portuguesa, filosofia e semiótica de Peirce, intersemioses. Nos últimos anos, interessou-se bastante pela Física Moderna (Quântica e Relativística) e a filosofia da ciência. No campo estritamente literário, ele publicou o volume de poemas *Sob uma capa* (Vitória: Secult, 2010), “ameaçando” lançar o seu segundo “obus” (sic) poético (*Entre dois vetores*) num dos próximos anos da presente década.

## O. Antevendo o que virá

Seja esta série esdrúxula de versos  
a senha  
de quem os verseja a sério  
mas sem qualquer sanha cientificista  
contra as velhas bruxarias da lírica,  
ou (de novo assim) seja:

se a *M* e o *H*  
que lerem o anônimo *LM* que se arrisca  
nas páginas seguintes  
souberem como o célebre e conservador  
Max Planck  
em 1900 plantou no jardim do saber  
a semente do *quantum*  
ou a noção inovadora de dar nó  
de que a energia varia de modo descontínuo  
no mundo dos nossos átomos  
e dos seus moradores subatômicos,  
obrigando os atônicos habitantes de carne,  
sangue e ossos  
do universo aqui de cima  
a ter que imaginar quase em desvario  
que do 1 alguém chega ao 3  
sem passar pelo 2 intermediário  
e assim por diante  
no curso desta analogia  
que desconcerta o agora coitado  
cotidiano que nos cabe –

se os bem sabidos  $H$  e  $M$   
forem versados no quase barroquismo  
de que o *quantum* ou a quantidade  
mínima-discreta-descontínua de energia  
é vista como serpente  
de duas cabeças um tanto quanto  
contraditórias  
que tonteia os mais sábios  
quando se refere à luz e à matéria –

se  $MH$  ora abraçados  
afiarem juntos os seus saberes  
sobre a dualidade onda-partícula  
imaginada acima como cobra bicéfala  
saindo de verbete do Houaiss e de livros de física  
com uma língua que afirma  
ser a partícula mais ou menos o que se localiza  
feito um pingo-no-i no espaçotempo –  
e a outra língua dizendo  
ter a onda nem menos nem mais  
que a verborrágica propriedade de se espalhar  
muito rápido  
por uma cidade ou mesmo o cosmo  
com(o) um conjunto  
de possibilidades de ser –

se  $HM$  andarem cientes de que isto afinal  
é a matéria de que fomos feitos  
dentro da luz com a qual a dita matéria interage,  
quer quando agimos  
quer quando parecemos estar fazendo nada  
com as nossas ações potenciais –

se  $M$  brigando com  $H$   
e  $H$  desconversando com  $M$   
(os sabres dos saberes nas mãos de ambos)  
entenderem como Niels Bohr batizou esta barafunda  
Princípio da Complementaridade  
(opa:  
“Opostos são complementares”)  
fazendo dele um brasão em latim  
com o desenho chinês do yin-yang no centro da coisa  
quando o fizeram cavaleiro na Dinamarca –

$H$  e  $M$  de novo amigados  
(passado o pior do complexo convívio do casal)  
serão leitores dos textos abaixo  
também manuseando com paciência  
outros dados que ali buscam valer  
um bocado ao pé da letra  
(Craig, Heisenberg, nazis, Popper, 3 mundos, etc.)  
– e por favor  
logo após irão explicar ao  $LM$   
se noves fora resta algum sentido razoável  
nestas estrofes estapafúrdias  
de onde saltam uns novos “ses”  
rabiscados com muito des  
temor.

## 1. Ofídios, volts e o resto

Se há  
a dualidade quântica  
onda-partícula  
ou se ela é não exatamente  
este bimodelo  
ou elo estranho  
mas algo mais ín-  
timo, mais úl-  
timo, até  
uno –

ainda assim por ora  
tudo é dúbio,  
duplo –

do bio  
ao que parece parede  
sem vida  
e contudo sabemos  
que vibra.

Nossos brindes ao mundo  
portanto –  
por tanto não óbvio  
seja em volta  
seja nas entranhas esquisitas  
da matéria: das coisas  
nas áreas  
mais aéreas (estrelas)  
às dos vermes  
das goiabas  
sem lacuna para as líquidas  
em que as baleias e mais  
fazem a festa.

Cobras e voltagens  
deveriam ser  
trivirrealidades  
de deixar mudas as bocas  
mais ávidas.

## 2. Contraria sunt complementa

Bohr [...] colocou o [...] símbolo do yin-yang no  
centro do brasão que desenhou quando foi agra-  
ciado com a Ordem do Elefante da Dinamarca.  
(Osvaldo Pessoa Jr.)

Páginas de Niels Bohr  
e do Tao  
na mesma mochila –  
ou pior,  
páginas de um mesmo livro  
já bem amassado  
sobre Bohr e o Tao  
na tal mochila:  
como se duas esquinas  
muito diversas  
mas igualmente boas  
do nosso universo  
fossem afinal  
uma só  
permanecendo duas!

\*

Palavras  
ouvidas de Bohr:  
“No silêncio do Tao  
achei o som  
que torna concreto  
o virtual.  
Não escutaram bem  
o meu brasão?”

\*



A mochila  
abarrota de páginas  
e átomos  
cheios de vácuos  
é de quem lê, pessoa humana,  
mas ela será  
também um símbolo  
do próprio cosmo  
quer Brahma  
o chamem alguns, outros o calculem  
só como brana.  
O fervor de todos  
não tem aqui  
valor igual?  
(Eles ferem os dedos desapertando  
um  
único  
nó...)

\*

Palavras  
ouvidas de Bohr (dizem)  
ou sua dúvida:  
“Vales, montanhas,  
vias estreitas, estrelas violentas,  
elefantes africanos,  
homens brancos na Dinamarca,  
mochilas repletas  
e tudo  
o mais que for  
apenas são válidos  
quando há  
quem não cochila –  
ou melhor,  
o  
observador?”

### 3. Minha própria “teoria dos 3 mundos”

[...] ao final de 75 anos de Mecânica Quântica, o sujeito epistemológico ainda não conseguiu ser exorcizado da teoria.  
(Osvaldo Pessoa Jr.)

O físico de carne e ossos Werner  
Heisenberg,

o ser de papel e de película  
James Bond,

o ator tão real como o físico  
Daniel Craig

– cada um  
com o seu próprio ego –

têm todos os seus endereços  
no nosso universo.

Bem mais interessante:  
o ator inglês  
tanto fingiu ser  
o cientista germânico já morto  
no filme *Copenhagen*  
(antes uma peça de teatro)  
quanto vestiu a pele  
do espião também inglês que nunca viveu  
em outros filmes.

A Terra será  
o único local do cosmo  
assim  
vertiginosamente reunindo vida,  
física  
e seres de ficção?

Por enquanto  
localizado em meu próprio  
Espírito Santo  
sem pai nem filhos  
não sei.

Com certeza existe  
muito de física  
na produção industrial de um filme  
e nas suas cópias  
produzidas. Também  
alguma ficção  
(que chamam teoria)  
na física  
(embora esta  
não se embrulhe com qualquer espécie  
de papel-ficção  
mas com um só – especial).

Sei ainda:  
o que talvez una o trio  
W. H., J. B. e D. C. no nosso  
domicílio terráqueo  
neste universo  
seja não apenas a biofigura  
dos homens  
mas os hominídeos desde quando  
passaram a ter  
signos determinados  
nas suas biografias.

O real das coisas se fez  
parte irreal (sentido),  
parte real (som, gesto, rabisco, etc.)  
por arte  
dos manuseadores  
mais ou menos peludos  
dos signos –  
e estes  
começaram a embaralhar  
todo o restante,  
mesmo  
os primeiros instantes  
de Tudo  
com os nossos atuais momentos,  
até  
com os dos vivos que um dia  
nos souberem ex  
tintos...

E se foi assim  
("coisas", "objetos físicos"  
num primeiro lado,  
"processos mentais subjetivos"  
num segundo,  
"conteúdos no sentido lógico", "teorias"  
completando um terceiro lado  
de um triângulo)  
não com um, mas no mínimo três goles  
ergo um brinde múltiplo  
ao briguento Karl  
Popper  
(pai  
propriamente dito  
do triângulo entre aspas e parênteses  
ou "teoria dos 3 mundos").

\*

Um adendo que faz doer  
a mais de um:  
na realidade de que pulou a ficção  
teatrocinematográfica  
de título capital *Copenhague*  
sem ser  
um 007 nem um Craig  
Heisenberg  
veio a atuar como espião de verdade  
na Dinamarca-1941  
tentando obter do seu mestre  
Niels Bohr antinazista  
informações  
ou signos não insignificantes  
que nas mãos refinadas de Werner  
de algum modo fariam bem ao programa atômico  
em que atuava para Hitler.  
(Pós-guerra e seus horrores,  
cada ego  
desse par científico-político  
teve a sua versão  
– complementar ou não –  
do ocorrido.)

Quem sabe  
em nossa esquina espiralada do cosmo  
“processos mentais subjetivos”  
precisem  
hoje e sempre  
ser o “e” de união  
de “objetos físicos” a “teorias”  
e  
vice-versa.

## 4. Tateios, tonteios

Coçando a cabeça  
o experimentador observa  
o experimento.  
O experimento quiçá observe  
(com ou sem aspas  
na segunda “hora e vez”  
deste verbo?)  
o experimentador.

“Quem sabe  
um  
seja servo do outro” –  
digita no seu *notebook*  
o observador mais falativo  
do nosso par,  
sabedor de que ao menos  
ele mesmo sabe  
como observa um número  
considerável de coisas.

0s e 1s  
deste imenso universo  
são os dois tijolos de ouro  
da curta observação  
que faz poucos segundos  
o observador digitou  
com algum desejo binário  
de conservação dela.

O observador teclante  
mais  
o experimento  
mais  
os meus espirros de hoje  
mais  
todas as observações que se façam  
mais o resto  
deste universo imenso  
são observados  
por um segundo cosmo?

\*

Talvez  
elétrons, glúons, quarks  
sejam de fato  
nomes  
de partículas elementares,  
porém  
– exclamou Heisenberg,  
um dos grandes responsáveis  
pela (in)  
compreensão delas –  
“o céu é azul  
e nele  
as gaivotas passeiam”.

\*

Muitíssimos séculos depois  
do silêncio  
dos meus melhores amigos,  
que espécie de seres  
ainda bípedes multitagarelas  
acharão parte da sucata  
de certos *notebooks*  
já sem saber  
o que estes significam?

Mais do que tijolos  
ditos de ouro,  
0s e 1s  
são dançarinos versáteis  
em qualquer tablado  
sob a gentileza dos fótons.

Todas as sucatas,  
cálculos  
mais experimentos  
de que muitos bípedes falantes  
andam à cata  
para as suas Teorias de Tudo  
agradeçam aos dois dígitos  
e ao que ilumina  
cada coisevento em que eles valsem.



## 5. Implicações (talvez implicâncias)

Na equação de onda de Schrödinger, o que se chama de “onda” é a amplitude de onda, que é imaterial.  
(Paul G. Hewitt)

O corpo de Cristo uma vez torturado  
(partículas  
unidas em átomos  
unidos em moléculas  
unidas em células  
unidas em tecidos  
unidos em corpo)  
– motivo incrível  
para o que chamam Santo Sudário  
e expectativas teológicas  
de Suas Santidades –  
existiu também no estado  
do que a física quântica denomina  
ondas de possibilidade?

Se a resposta for Sim  
sem ironia  
logo vem como nova pergunta  
a vontade de saber se essas ondas  
enquanto (nada) simples  
possibilidades matemáticas  
pululavam  
não  
nas praias das nossas três ou quatro dimensões  
mas num reino  
com qualidades estranhas  
que os próprios homens  
ou cientistas  
(é veraz que também em desespero  
vez por outra)  
faz tempo apelidaram  
espaço de Hilbert:

ondas de possibilidade  
como todas  
as ondas de matéria deste mundo  
espalhadas  
por uma extensão razoável  
do universo afora  
sem respeitar litoral algum  
(fato literal  
mas que nunca parece conter  
sequer uma unha  
ou mesmo fiozinho de cabelo  
de razoabilidade).

O teu corpo  
como o meu ontem pela manhã  
de costas queixosas  
diante de uma tela de computador  
e antes os de indivíduos  
que foram vistos como divindades  
sofreu de fato  
nessa estranha condição ondulatória

ou de acordo  
com algum teor da teoria  
dos domínios (sub)atômicos  
precisou primeiro  
ter passado pela observação  
de outro ser

(se não das cercanias  
disso e daquilo  
do admirabolante  
meio-ambiente  
com as suas descoerências todas)

para sair do campo das probabilidades  
e cair na arena  
sangrenta do concreto  
cheia de imanências pontiagudas?

Não sei o que diriam os demais torturados  
pelos seus irmãos  
durante a longa história  
deste nosso  
tão denso mundo.

("Ó também  
tremendos mistérios quânticos!",  
medito  
enquanto lamento  
a volta da minha dor nas costas.)

ensaio para sair de casa

## CARINA CARVALHO

Carina Carvalho é paulistana, de dezembro de 1989. Estudou Letras e trabalha na área editorial. Tem textos publicados nas revistas digitais 7faces, Trevo, Mallarmargens e Diversos Afins, no Portal Cronópios e na 3ª edição impressa da Revista Celuzlose. Arrisca-se em balé e fotografia, mas com pouca convicção. Em agosto de 2013 lançou seu primeiro livro de poesia, *Marambaia*, publicado pela Editora Patuá. Mantém o blog *desastresliricos.blogspot.com*.

## bichinho

o cheiro da goiaba de longe,  
puxando – desde as sementes.  
dentes triturando o prenúncio de sabores.

o estalo da geladeira seria o sinal:  
valendo! valendo fazer, do corpo, caminho  
valendo autossustentar-se em ser sozinho  
ali nascer e ali mesmo se acabar.  
bichinho.

isso porque sentei à mesa  
amolecida. matéria frágil  
com expressão de enjoo. os braços  
colados ao tronco como se não existissem.

– mas dizem que, se você por acaso comer,  
dá nada.  
o bicho é muito natural e, assim em casa,  
pode até morrer feliz.

## cardume

do que foi água corrente  
verbo na língua, na pontinha  
gesto solto para articulação

ficou-lhe a bucha áspera  
xampu verde dentro dos olhos  
argumento truncado  
amor pelo ralo.

do que foi, do que é  
peito fraco  
umbigo  
saco gelado  
canelas grossas, o pé  
com olho de peixe.

## resina

a minha calma se foi  
naquele pedacinho de dente.

quinze minutos ao espelho  
do banheiro, agora gigante.  
esse piso frio é mesmo  
para se desesperar.  
da minha arcada eu vi pular  
o cheiro de milho das estações  
da zona leste,  
ouvi os gritos da exaltação política  
e de tudo mais que se atesta,  
vi que no céu da boca  
minha vizinha estala o ódio  
que tem do marido,  
vi que a autoestima  
jamais será das modernas  
enquanto quiser cabelo comprido,  
ouvi ainda o burburinho  
das cancerosas  
no corredor do hospital.

tudo isso no pedaço de dente  
que caiu na pia  
pesado e com ritmo.  
aí, tocando a pontinha afiada,  
lembrei que amanhã te vejo.  
domingo, dia legítimo.

espero não te esfolar.

## valsinha

estar parada é dispor-se  
a lidar.

então eu danço sob a lamentação  
longa do cachorro  
para me esquecer de que  
ele vai morrer cego,  
por exemplo.

dançar assim com pés tão fortes  
é assinar covardia.  
pudesse, do contrário,  
flutuaria.

o diabo é que quando  
se para,  
o quintal é minúsculo e o mar está longe.



## reflexo

céu tão claro à noite  
é prenúncio de dor densa,  
diz um espelho pessimista.

uma mulher proferia poemas nas ruas.

daqui vê-se um quarto sem janelas,  
silêncio, coxas úmidas.

a cama é mesmo a imagem... não:  
a cama é mesmo a margem  
dos dias plácidos.

## habitat

teve uma vez que minha miopia  
feriu a coragem com um golpe seco  
na lombar.

desde então, para mim qualquer teia  
é imensa ameaça, como esta viagem  
de dois dias e oito pernas longas  
que se movem uma por vez.

tomando o meu corpo.  
sumindo comigo para dizer  
em particular: não é aqui. teu lugar não é.

te procuro com o coração miúdo  
e os olhos desistentes, fechados.  
pedindo para não apontar mais  
os bichos que constroem suas casas  
no canto da madeira,  
na casa dos outros.

pedindo, por minha vez,  
– estrala minhas costas.

## ressaca

depois da festa, a solidão  
juntou os móveis envernizados

lavou o rosto com sabão neutro  
tirou o penteado

tocou o ventre e seu calor doce  
sentou na escadaria

a boca amarga numa careta  
desejou jabuticabas

mas de cansaço a solidão  
tombou para o lado, resignada

e sonhou com polissílabos.

Não deixamos sementes

## RAFAEL ZEN

Rafael Zen é publicitário, escritor e artista visual. Autor do livro “A Questão da Andorinha”, premiado com o Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Brusque/SC em 2012, e da Revista “Hiato – Invenção Poética”, premiado com o Fundo Municipal de Apoio à Cultura de Brusque/SC em 2013. Integrante da Cia Jogral de Artes, é organizador do Concurso Poesia Urbana pelo Centro Universitário de Brusque que em 2013 apresenta sua terceira edição. Também se dedica à publicação de zines independentes de poesia e artes visuais pela editora Hiato, da qual é integrante.

#100.

aos que vieram  
ao meu corpo feito  
mata virgem  
e dele fizeram sair  
construções incríveis  
só me resta uma  
saudade imensa  
e um obrigado  
enrustido.

pai.

certa vez  
tomados de melancolia  
pelo final da copa do brasil  
meu pai ficou triste e  
eu também

foi isso

por dois segundos:  
sentimentos siameses

aprendiz.

não sei sobre a quantidade  
de areia para cada punhado  
d'água

muito pouco sobre a espessura  
da madeira para que se façam  
janelas e portas

pouco sei sobre  
vento e pó

mas pegamos quatro paredes e  
dentro montamos uma casa

e isso também é  
uma tentativa  
de reconstrução

## lanchando julian.

queria te comer até os ossos, julian,  
ir mastigando tua carne aos pedaços,  
comendo, chorando e rindo, pela tua  
dificuldade em me fazer calmo e  
um pouco menos oceânico.  
ir contraengolindo aos poucos, tuas costelas  
palitando os dentes com teu fêmur  
eu, midas e pterodáctilo  
dos que insistem em enfeitar tudo com ouro  
e polir as pontas.  
rasgar tuas asas com os dedos e enfiar  
tudo de uma vez na boca, como folhas  
de alface roxa.  
te comer sem molho, suando pela  
digestão difícil de teus pêndulos,  
tuas ampulhetas.  
te deitar no meu estômago, imantado  
e te carregar no baço,  
sentado de cócoras.  
te defecar inteiro  
(posso dizer defecar no meio  
de um poema de amor com mágoa?)  
só pra te parir como um ovo,  
e, mesmo sujo, te aceitar de novo  
pra ver se assim  
a gente desemboca num sonho  
tentando uma última vez



## recuperação.

que bicho se apoderou  
da metade triste que eu tinha?

aos olhos de um menino  
qualquer sofrimento pode ser  
grande e interminável

quantos anos eu tive  
quando deixei de ser  
inferior e frágil?

e o mais importante:

que bicho instalou-se  
na metade incurável  
que eu tinha?

## desejos.

para moças de  
gravidez confirmada com  
cinco meses, desejos  
são atendidos com  
graça subnormal.

restam os não aos meninos,  
parados na frente da venda,  
com os olhos vidrados  
em paçoca rolha,  
pé de moleque e  
sonhos.

#23.

quando era pequeno  
minha mãe cozinhava uma  
porção de ovos e tingia

as cestas endeusadas  
os ninhos das crianças  
escondidos na grama

ouvi no rádio que, aproximando-se  
da páscoa ou do natal,  
a saudade tem nova vítima

## da imaginação do vento.

imagina se a gente, um dia,  
senta entre duas comadres  
tricotando seus tricôs  
e elas nos revelam o segredo  
da alquimia d'um café preto  
ou da circunferência exata  
de uma rosquinha doce

e assim a gente  
desestabiliza o mundo

## carne.

livres  
como plumas  
incapazes de frear  
o impulso do  
vento.

fomos jovens crentes  
no pólen.

somos um fruto  
com a polpa mole.

não deixamos sementes.

## corte.

apaga a luz, pai,  
antes de sair de casa.

antes de sair, vem,  
abre a porta do meu quarto,  
tampa meu corpo nu pelo sono,  
costura meus olhos,  
me cega uma vez.

não quero acordar,  
ver a sala vazia,  
o quarto sem gente,  
a cozinha sem mãe.

não quero sentir falta.  
quero só leite, só peito.

me escuta antes de sair de casa, pai.  
sou desgarrado, sem rebanho,  
às vezes, de dia, uivo  
para matilhas de lobos.

antes de sair, encosta a porta da frente,  
mesmo que ninguém vá entrar.  
recolhe os brinquedos da sala,  
faz dez anos que não brinco mais.  
desliga o rádio, vê o gás, pai.

às três horas a mulher da faxina chega.  
até lá quero estar invisível.



## FELIPE GARCIA DE MEDEIROS

Felipe Garcia de Medeiros nasceu em Imperatriz (MA). Atualmente, mora no RN. É graduado em Letras pela UFRN. Poeta, autor do livro de poemas *Frio Forte*, lançando em 2012 pela Editora Multifoco. Professor de Português e Literatura do IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte).



## Poética

Faz frio hoje.  
O espelho está manchado,  
mal me atrevo  
a vê-lo, e não  
me ver. Escrevo.

## Ieugro

Rio  
sobre  
restos  
de papéis/  
descanso  
nas águas  
a tez.

Depois  
de ouvir música  
até a melodia  
sumir/deixo  
de ver e  
no cosmo  
de ritmos  
firmo  
eixo  
imagens en-  
gas-  
gos/esti-  
letes.

A febre  
me enrola  
e leio poesia  
até o desleixo  
e esqueço  
o fio  
do verso  
que foge  
lebre  
per-  
verso  
(no ônibus/  
o parafuso fixo  
carimba  
o asterisco  
no dedo).

Penso  
a cada  
instante  
em poema/poesia  
e se eu paro  
como uma  
correia  
de girar  
o mundo para/  
e a vida  
freia  
no meu peito  
e paro de  
ser  
Fe-  
li-  
pe,  
peda-  
ços  
que ninguém  
pode  
a-  
cor-  
dar.

E um corvo  
pelo nariz  
partiu  
meu crânio  
e riscou  
com giz  
a pala-  
vra  
*vida*/  
e bateu  
asa  
(por um triz  
não feriu  
a bÍlis)  
penando  
*poesia*  
nos pátios  
pueris  
da ima-  
gi-  
nação.

A agitação no ar que meu verso causa  
a miragem em meu olho  
que se mistura/  
o poeta  
veio  
do futuro  
e disse:  
você está num mundo em pausa  
e você joga/  
girando com o dedo portas sem ferrolho.

## O animal selvagem

O leopardo nas águas  
amarelo, turvo,  
com os olhos tensos  
agarrado à rede,  
úmido e curvo.

O coração desalinha  
e seus músculos  
ágeis se agitam no ar  
como pequenas  
aranhas ao vento.

As garras já o ferem  
e encosta o corpo  
na parede, trêmulo,  
cheio de angústia,  
meu pensamento.

## Ode à maneira de Ricardo Reis

Felizes seremos jamais  
neste mundo hostil  
onde nos consome a alegria  
do instante viver  
ao existir o nada ofertado.  
Tolhem quais deuses  
feito de linho o tecido  
descoberta da nossa pele  
do ânimo a agonia?

Hoje as estrelas olho firme  
à vida agarrado  
no esguio fósforo como a chama  
da vida se esquece  
a existência se apaga, breve  
de se acender antes  
sobre a dor da turba terrena;  
da amada Moni o ósculo  
na lembrança tê-lo somente  
e viver mais nada.

Dos deuses só por que cobramos  
do ser a suprema  
dádiva de ser nas estrelas  
brilho nosso eterno  
na fragilidade das rosas  
fatais, como o poema?  
Suspiro todo é vão, lua amarga,  
que se pise em terra

## Nas artes da noite

A fundo nas artes da noite  
sem dormir, infindo  
vi víboras, açoite  
e a minha vida  
indo.

Torvo, eu entristeci o dia  
vidrado, frio, ia  
sem saber a hora  
e se teria  
alegria.

Nas artes da noite cresci  
(inflado, a viver  
o meu declínio)  
eu queria ter  
domínio

libertar a tênue Andrômeda  
pelo mar, rasgando  
grilhões/vereda  
o peito pando  
ando

cortando o pescoço, Medusa –  
meus olhos nefandos  
falhando a fraga  
a minha chaga,  
musa.

Vivo nas artes da noite vejo  
o dia no zênite –  
os olhos fandos  
na manhã ponho,  
sonho.

## Balada do cavaleiro

### I

No dorso de um argel,  
de pata branca, caval-  
guei, verso a verso, céu  
a céu, vau a vau.

Noites e noites, indo  
e vindo, sempre às seis,  
para o monte infindo  
ver o velho montês.

“Nos tempos de Villon  
onde a poesia era dor  
e o que saísse do som

da lira do poeta, à vera  
trazia o sonho, senhor”,  
digo-lhe quem eu era.



## II

O Cavaleiro da ideia  
a trair vias e vales e ver  
(ao invés disso) areia,  
o Amor sem haver.

Aquele que o tempo  
não amedrontava  
e o espaço era sem  
vazão, nauta nava.

Eis que um dia fora  
a Vida como um raio  
e o destino de Laio;

Servir, senhor, senhora  
bela e sem esquecê-la  
dei-lhe uma vitela.

### III

Voltar e vacilar o voo  
rasante, visível, volá-  
til, até o reboo-oo  
despedaçar o ar.

Ceei a dor que me fe-  
riu – senhor, e sim,  
colhi-me em blefe  
de lasca a cupim.

Ao reino, embaraça!  
Mas, se passa a traça,  
a prata, escassa,

Com heráldico brasão  
talhado à mão  
diz: quem eles são?

## IV

Chá, claro, que cheiro  
suave, na fumaça  
e na lembrança, assa  
aquele cabrito inteiro.

Comer, a vida, comida  
e tudo o mais, viva!  
Raríssima é a partida,  
cultivar uma iva.

“Jovem, jovem, Jove...  
no corpo, saciar os  
temores é trazê-los

Para si, o que houve?  
não chores, ainda,  
nosso tempo finda”.

## V

A montanha, vês,  
as árvores, flores!  
Daqui vê-se o imenso  
e, ao vê-lo, tenso,

A visão de Deus,  
daqui do alto, dói  
ao ver os seus,  
ele, o único herói,

eu, o único mal,  
- que posso fazer?  
"Ver. Isto é qual?

Entre aquilo, o ser  
se faz e se desfaz,  
no que é: a paz".

## VI

“Cavaleiro andante  
aonde vais, avante!  
Voltarás um dia?  
Tu foste, e ela ia.

E o outro, solto, volta,  
envolto de horto,  
de ouro, de graça ou  
com o olho torto?”

Nascido, talvez,  
meu velho montês  
ou como aves

A voar, emigrando.  
Mas quando  
sairá do bando?

## VII

Tua espada deposta  
e roto o escudo –  
vai, sem resposta,  
cavaleiro mudo.

Tanto ouviste e viste  
e para ti? A dúvida.  
No fim, nada resiste  
a ti mesmo – à vida.

Eras (será?) homem  
de vozes universais,  
astro sem nome.

Estás num dilema:  
é o fim e não é mais,  
a dor suprema.

## Canção com os ossos do cão na estrada

Sobre o chão/esmagado  
na rua a boca torta  
o Cão que uiva  
no capô do carro

desenterra o grito  
arromba a aorta.  
Au!... – no infinito  
o grito ressoa no blau

aveludado/e na luz  
dos postes, espirra  
efusivas moscas  
na barriga. A língua

úmida mais de pus  
que de saliva/sangra  
sobre meu peito.  
Os olhos de papel

rugosos na estrada  
pinçam a realidade  
sob pneus e o furo  
o líquido/o átomo

a gravidade na artéria  
o passado/o futuro  
o nada do presente  
formam antimatéria.

Um estraçalha/menor  
quebra o corpo/caminha  
estampidos púrpuros  
apanho de uns ossos

peles/músculos arranco  
emendo tal ladainha  
versos/limpoescuro.  
Com os seus ossos,

roo pra afilar turba  
canção de forma chata.  
Quebrado, os/hóspedes  
expulsos, o Cão uiva.



# O sujeito “pós”-moderno

(ou do Percursor Sombrio)

## I

Olha: eu sou pós-dramático  
rasgo a obra, e pós-homem  
literato, gênio, matemático -  
e arraso com efeitos de presença segundo Baudelaire, Rim-  
baud, Jauss, além da psicanálise freudiana com Butler no  
ramo da sexualidade & ácidos sulfúricos & manteigas nos  
dentes & ou  
faço o meu sistema & ou  
sou escravizado pelo do homem  
o meu negócio mesmo é criar  
sem razão ou comparação

“Pera aí,  
Paulo Coelho escreve literatura brasileira?  
Se os seus personagens são estrangeiros...”

E com voz pós-modernona  
sotaque paulista e pernambucano

“Agencie, querido,  
Agencie,  
o que é literatura brasileira?”

...

E Rimbaud & Vênus?  
“O poeta é aquele capaz de rir na miséria  
é um derrotado  
que grande artista morre com ele!”

Com a peruca  
na minha testa -  
desdesdesdesdes  
desviver  
desperar  
despreguiçar  
destempar  
dexistir

Deleuze  
cai da janela.

(Vadia que pariu  
o meu dinheiro saiu)  
sorriso largo no banco.

## II

É porque sou pós-moderno  
sou representante do meu tempo – herdeiro do último  
formalismo –

é porque sou pus moderno  
não tenho mais cabelo no pé  
menino (com voz pós-moderna)  
Karl Marx foi um ressentido – sotaque  
nordestino/paulistano – não existem mais  
os textos, a visão formal,  
só experiência viva, gozante,  
textículos: a grande imagem do contemporâneo!

Nem cabelo/com peruca  
dívidas cabeludas! (E dúvidas, mais dúvidas do objeto)  
ninguém compra a Pucca,  
todo mundo deve: é essa a perspectiva.

Cândido? A candidíase, a gonorreia,  
a literatura é uma garatuja,  
efeitos de presença (até autoajuda)  
performatividade, a performance,  
a arte se repete, porque o homem  
se repete, porque se repete a...

“Arte não é representação”, é o objeto do Tempo impuro,  
é intensidade. Ler o Noll é um evento, bem, eu sou  
suspeito.  
Sim, a obra de arte não é mais o duplo  
como o Fausto –

você está certo  
mas está errado. Cansei.

### III

NÃO há limites para nada –  
nem texto/revista caras  
seja como for  
estarei nas palavras sonhando  
e com elas nos dedos encravadas/saídas  
de emergências e cinemas com trailers  
absurdos calibres

porque a literatura não tem mais como a ver afinal embora  
leio qualquer página de Ulisses  
de James Joyce (o pai dele foi a inspiração  
depois de ter ido, toda a obra surgiu, A revolta do corpo –  
mãe de Rimbaud)  
ninguém aguenta mais ler  
Ulisses de Homero  
ou ler um romance inteiro  
é cansativo/executivo/bate-ponto  
não dá tempo  
como comprar baganas no mercado  
para ver filmes antes de começar faltando 5 min.

300 reais de limite no cartão de crédito  
para comprar 200 e poucos de livros  
Paraíso Perdido, Ariel, artigos  
e o café na... Lá em cima  
de ternos, gravatas, rimas,  
cheio de bolso no dinheiro – sentindo o sabor  
dos aromas – a literatura faliu

e por isso vivemos esta

à toa (agencie, querido, agencie –  
o que você quer dizer com poemas  
sem rabos/teias/isqueiros/  
gases fisiológicos – termostatos

eu aceito qualquer coisa  
tudo para orientar  
receitas/bulas/coelhos/revistas de novelas

porque eu sou pós-moderno  
sou após agora já-já aqui/Queen/a-pós/tolo  
o leitor: é quem digere  
sacaneia, cutuca, sugere a garatuja  
e escama/escoa/escroto/.  
Ontem não dormi. O que me move? Palavras.  
Bom dia! “Bom dia?”. Senta aí, garoto, que eu vou dizer  
realmente  
se o meu dia foi bom.

# Cascas, cascos, caos

## MARCO AQUEIVA

Marco Aqueiva é professor no ensino superior, autor dos livros de poesia *O azul versus o cinza & o cinza versus o azul* (Patuá, 2012) – premiado pela Secretaria Municipal de Cultura de Atibaia – e *Neste embrulho de nós* (Scortecci, 2005) – que obteve o 1º lugar no III Prêmio Literário Livraria Asabeça. Publicou ainda a novela *Sóis, Outono, Sou?* (Dulcineia Catadora, 2009). Tem poemas incluídos em antologias e revistas impressas. Resenhas e críticas publicadas, dentre outros, na revista *O Escritor*, da União Brasileira de Escritores.

## Cascas, cascos, caos

### I

Cascas dissipam as frutas atrás  
das letras  
Aquele homem não foi o primeiro  
a ver que as cascas dissipam as letras  
havidas  
Elas mesmas cascas no fogo aceso  
ruidoso cheiro de palavra indômita  
que estoura  
na hora oca

## II

Cascos pendem acesos nas ruas atrás  
desta área  
Outro homem entre os clarões do primeiro  
vendo o muro de arrimo em que se apoiam  
as frutas  
Elas pendem sobre o terreno ganho  
baldio  
perdendo-se



### III

Caos que nenhuma voz alcança atrás  
da área restrita  
Um e outro de olho no interior das frutas  
pensos no muro de arrimo que se esgueira  
pacífico  
Esplendem elas sob os cascos do olho  
à hora certa

## IV

Caos que se esgueira lá e em todo lugar  
Casca  
Casco  
Dispersos frutos para quem tem olho

## V

Ver de nós quando se tem olho  
e fôlego que desembrolha  
o asfalto em convulsão junto ao muro  
os postes suicidas como flor sem fruto  
Casca cascos caos  
a duração imprevista da água  
suspensa em torno dos edifícios  
sobre os frutos, ostras abandonadas

Nem o silêncio nos dá alguma sobra

Sem Fôlego; Nouvelle Vague; Bazar &  
Memória; Festim no Jardim

## ADRIANO APOCALYPSE

Adriano Apocalypse nasceu em Belo Horizonte – MG, em 1994. Atuou como agente comunitário pela Pastoral da Criança em 2011. É estudante de Jornalismo da UFMG. Dedicou-se à escrita de poesias, tendo conquistado o 1º lugar no concurso *Letras no Palco* (2011), o 3º lugar no concurso *Foed Castro Chamma* (2012), o 2º lugar no concurso *Prof. Aparecido Roberto Tonellotti* (2013) e o 8º lugar no *Prêmio Cataratas* (2013).

## Sem fôlego

Nada trago em mãos senão um isqueiro  
– e nenhum cigarro na palma erguida!  
O único ensaio aqui de fogueira  
é esta ansiedade desmedida...

Penso, parece, que a loucura beiro,  
catando agora (sinto-me ofendido)  
bitucas no chão fendido, engenheiro!  
Pulmão pobre de peito esbaforido...

\*

Pulso, e respiro, e tropeço, a correr  
pela rua ineficaz e comprida,  
sem fumo, sem paixão, sem prazer.

## Nouvelle vague

Nas ruas e nos bondes, nos bares e hotéis,  
e mesmo nos cinemas, não há por que negar:  
todos são atores a simular papéis;  
a ela, porém, cabe bem improvisar.

Jeanne fuma cigarros e fala francês;  
do jornal, que não compro, inventa a manchete;  
detesta dublagens e seu pai burguês;  
diz-lhe, e repete, que ama a um *pickpocket*.

Fugiu de casa p'ra viver comigo  
e agora vive o que chama de "vida fictícia",  
no meu encalço, a fugir da polícia.

Hoje verei se uma câmera consigo:  
só quero uma imagem sua. "Quanto é em dólar?"  
Melhor bater uma. Ou penhorar minha pistola.

## Bazar & memória

Ela, indecisa quanto à escolha da roupa,  
faz uma careta e permanece nua;  
como se estivesse co'a cabeça na lua,  
finge indiferença a mim e não me poupa...

Pela janela, escancarada, entra uma brisa  
que nela esbarra: e ensaia seu balancê,  
enquanto trago fundo de um narguilé,  
e minha cabeça se desorganiza...

Uma mariposa o trapiche adentra, e roça-lhe  
o rosto (então maçã, suave e vermelho),  
a voar em meio à fumaça lilás...

Mas o olho arregalo quando – grito “Vale-me,  
Deus!” – ao inseto se atraca uma aranha-pentelho,  
que aguardara o bote, peluda e sagaz!

## Festim no jardim

### 1

Surge, sob a forma de um sussurro,  
camuflada em silêncio de chaga,  
despida de escrúpulos e de anágua,  
e, suave, acerta-me como um murro.

### 2

Emaranhado em uma trepadeira,  
miro-me em um inseto, presa d'uma teia.  
A vergonha desgrenhada, alheia  
à nudez que a cobre, engole-me ligeira.

### 3

Ora me oferece espécie espinhosa,  
ora afrodisíacos, como subsistência;  
mas nunca se me nega, luxuriosa,  
quando à sua rosa presto reverência.

### 4

Paralisa-se indecisa uma lagarta  
sobre minha boca: adquiro um bigode.  
Sinto cócegas! "Não se incomode..."  
– e de beijos meus Afrodite se farta.





# O espanto e o impulso

## NATHAN SOUSA

Nathan Sousa (Teresina, 28 de junho de 1973) é escritor, poeta e letrista. Estreou nas letras com poemas publicados na *Antologia dos Escritores Piauienses*, da UBE (2006). Participa de várias antologias de circulação nacional. É autor dos livros de poemas *O Percurso das Horas* (edição independente, 2012) e *Terra Interminável* (Aliança, 2013). Ocupa a cadeira de número 02 da Academia de Letras do Médio Parnaíba.

# Nascedouro

O silêncio  
não é uma invenção  
de traficante  
ou de poeta.

Também não se mostra  
como possibilidade  
plena de vivência,  
já que a consciência  
toca manadas  
de rumores  
em marchas  
insones.

A voz não cessa  
enquanto há  
memória  
(mesmo surda,  
mesmo muda)  
e o silêncio  
não nasce  
de um útero  
sem signo.

Portanto,  
é uma aspiração  
do nada  
após  
o existido,

e que  
só conseguiria  
plenitude  
se ele  
(o silêncio)  
assumisse

o inexistente  
na forma  
e no nome.

Quem inventou o silêncio  
assim o fez  
(suponho eu)  
diante da face  
sedutora da recusa,  
e conheceu  
(assim como eu)  
a difícil arte  
de manusear  
o anseio por significação.

Até ele  
(o silêncio)  
nasceu  
da relação  
com o outro,  
já que,  
de outro modo,  
não nos serviria

nem para calar.

# Ofegante

Respiro  
profundamente como quem vai buscar o tesouro esqueci-  
do.

Arranco-me do estanque num instante de impulso,  
sem aquecimento, sem grana, sem muito.

Abandono o silêncio,  
o segredo das paredes,  
bato pernas,  
dou adeus  
(ao adeus, adeus!)

Preciso ir.  
Já estou atrasado para um encontro marcado  
com a palavra movimento.

Você se incomoda  
com a minha inquietude,  
meu bem?

Não repare na bagunça  
das malas desfeitas,  
é que assim desse jeito  
é que as coisas funcionam  
para mim.

Sou um rapaz preparado  
pra's coisas do fim.

Ando, falo, esbravejo,  
recito poemas nas mesas de bar,  
tomo goles de amor e desventura,  
trescalo tira-gosto de dissabores  
e me protejo do que é norma,  
abraçando esses fantasmas  
que nunca me deixam  
pagar a conta

e tomo mais um fôlego.

## Sem mais

Não falarei da dor que sinto,  
também não praticarei desabaços  
para corroer a paciência  
de quem já ouviu  
em demasia  
as definições  
dadas ao inominável.

Não falarei de nada  
em absoluto,  
nem das castas  
que o sentimento  
fervilha em estado bruto.

Se a luz de muitos astros  
não encontra porto em mim,  
de que adianta a palavra,  
agora que as estrelas  
vestem indumentárias  
voláteis?

Calar  
não é o ato mais acertado  
nem a oportunidade conquistada.

É o que me resta do feito  
indiferente a mim.

## Denotação

Alma  
é o princípio espiritual  
do homem,  
que se opõe ao corpo.



## Conotação

Fome  
é o anseio material  
do homem,  
que dispensa a alma.

## Réstia

A luz  
que invade  
esta casa  
nas primeiras horas  
da manhã  
nem sempre  
é a mesma  
que a minha  
consciência  
toma como sentido  
de luz;

nem sempre  
é a que clareia  
embora eu sinta  
a pele  
queimando  
como testemunha  
de que ela  
existe.

Ela  
(a luz)  
não é quem  
conceitua  
ou quem  
conduz;

não é quem  
abstrai  
ou quem  
deduz,

mas quem  
propaga  
o que ofusca  
ou o que traduz.

## Atribuições ao poeta

O que estou prestes  
a escrever  
não existe

ele  
    (o que quer  
        que seja  
        ou não seja)

repousa  
sua condição  
de possibilidade  
em suposto sono.

Não sei se  
me encontro  
na iminência de mentir  
ou se estou  
prestes a parir  
verdades  
de meu ventre  
imagético.

Por acaso  
pode  
(ou deve)  
o poeta  
abrir mão da razão  
para costurar  
a profecia dos oráculos?

Ou restará  
a ele apenas  
o direito  
de ouvir  
o que pode  
(com muita sorte)  
ser um poema?

O que cabe  
ao poeta  
não cabe  
(é certo)  
ao que nele  
pulsava  
como se dele  
repulsa.

Ao poeta  
é dada  
apenas  
a permissão  
para informar  
a alguém

(ou pouco importa  
se a ninguém).

# Envoltório

Este corpo  
a quem eu pertença  
– muito mais  
do que o que penso –  
arrasta  
outro fardo  
além de sua própria massa.

Nele  
amontoam-se  
sonhos  
despedaçados  
em meio  
às reminiscências  
espaçadas.

Este corpo  
inextrincável,  
de onde  
não saio  
com vida,  
é fiel a todos  
os meus passos  
e carrasco  
de tudo o que em mim  
é medo.

É neste  
invólucro  
de carne e osso  
que reside  
a significação  
oculta  
desta estranha  
relação  
entre o que é meu  
e o que sou eu.

## Qualidade de um corpo que reage ou age

Mais um dia morre  
e eis-me aqui:  
misteriosa  
aura;

densa  
ramagem de planta  
carnívora  
fastiada

Aqui estou,  
vivendo das sobras  
do ontem;  
da fina camada  
subjacente  
que a saudade  
preserva.

Sigo esta dieta  
rica em renúncia  
mantendo-me  
incólume  
para o definhamento  
de mais um Sol

ou para o meu.

## Cristalino

Ao buscar água  
gelada  
na madrugada,  
deparo-me  
com meu rosto  
no espelho  
da cozinha.

Um rosto gélido  
– assim como  
a água desejada –  
fita-me  
como quem  
busca  
sentido  
no olhar  
(ora dele, ora meu).

O eu de lá  
– correspondente  
canhoto  
de meu lado  
destro –  
fala como quem  
complementa  
a minha fala  
ou como quem  
na minha fala  
resvala.

Mas, ainda assim,  
tudo entre nós  
é silêncio,  
e tudo é  
estranhamente  
conhecido

entre a sede que se deu  
e a que morreu.





# Soja Santarém; Assalto ao Chile

## FERNANDO NICARÁGUA

Fernando Nicarágua, nascido Edvaldo Fernando Costa, começou a escrever cordéis depois de ajudar os filhos em atividades escolares. Tem 43 anos, é bancário e professor de História. Seus textos tentam conscientizar as pessoas sobre os problemas sociais e ambientais que causam contra a natureza, contra os animais, contra o outro ser humano. Aspira por um mundo justo.

## Soja Santarém

Para Amazônia Legal  
Destinada esta viagem  
Ao deleite da região  
Que do Tapajós faz margem  
Do turismo desejada  
Natureza entalhada  
Faz tua vista miragem

Do Brasil, região Norte  
No Estado do Pará  
Teto verde, Santarém  
Aqui plantando tudo dá  
Onde passa o grande rio  
Tem gente de muito brio  
Produzindo seu maná

Ribeirinho, quilombola  
O pequeno produtor  
Vive da subsistência  
É da mata, protetor  
Tudo o que planta come  
Não conhece o que é fome  
Neste solo benfeitor

Aqui é terra de índio  
Lavrador, ecologista  
Planta em plena consciência  
Colhe como altruísta  
Protege a vegetação  
Com o suor de sua mão  
Trabalha voluntarista  
“Pérola do Tapajós”  
Dentre as praias, a mais bela  
Cujas águas cristalinas  
Atraí gente à cidadela  
Na quente praia do rio

Natureza e sua bio  
Desfila a cravo e canela

Viagem bela, porém triste  
Neste encanto de lugar  
Pois a estória que aqui conto  
Não dá vistas para o mar  
É a estória da opressão  
De um império em gestação  
Que é preciso denunciar

Santarém está ao alcance  
Do latifúndio amarelo  
Que impôs sua ditadura  
Em potência de castelo  
Onde produtor pequeno  
Acuado por veneno  
É destinado ao flagelo

Devastada pela soja  
Produto de exportação  
Que coloca o Brasil  
No topo da produção  
Acelera o agronegócio  
Alta grana pro seu sócio  
Para o povo a exploração

O cordel narra este caso  
Recorrendo a um evento  
Certa Revolução Verde  
Que ao plantio deu incremento  
Alta tecnologia  
Que o pequeno asfixia  
Em favor do truculento

Veio lá do Mato Grosso  
Estado que mais desmata  
Pela BR Um-Meia-Três  
Tão veloz quanto a fragata  
Soja entra em Santarém  
Ao gosto de a quem convém  
Minoria aristocrata

Sobrará bem pouca chance  
Pro pequeno agricultor  
Competir com o latifúndio  
E o poder de seu trator  
Este vai abrir caminho  
Contra a enxada e o ancinho  
Na potência do motor

A colheita familiar  
Aqui sempre foi bem-vinda  
Pelo império, esmagada  
Não importa a berlinda  
Os “gaúchos” cá chegaram  
Toda Santarém tomaram  
Esta expansão não finda

O resultado é conhecido  
Destruição ambiental  
Ai de quem tentar conter  
Projeto monumental  
Onde o plantio da soja  
Fez de Santarém uma loja  
Pro mercado mundial

O conflito é inevitável  
O pequeno é expulso  
Sojeiro compra sua terra  
Na base do firme pulso  
— Vai sair de qualquer jeito  
Ribeirinho eu não respeito  
Não importa qual impulso

Usam meios ardilosos  
Um deles bem conhecido  
Na caixa, título falso  
Por grilos, envelhecido  
Na terra então devoluta  
Usurpa a posse sem luta  
Ladrão é favorecido

Mas não errem ao pensar  
Que está tudo resolvido  
Porque o mal da opressão  
Coragem tem produzido  
Que defende o meio ambiente  
O pequeno e sua gente  
Contra as ordens do bandido

Ativistas, sindicatos  
Vozes contra a tirania  
Do sojeiro prepotente  
Que dá ordens a Brasília  
Pra soja abrir acesso  
A queimada é seu ingresso  
Em Santarém e cercania

Muitas vozes se calaram  
Na mira da carabina  
Irmã Dorothy, entre elas  
Por cumprirem sua sina  
Mas o ideal brioso  
Tem discurso vigoroso  
Ouçam o brado de Marina

Na floresta está o pulmão  
Do planeta moribundo  
Dentro do país Brasil  
Tratamento infecundo  
Pelo progresso ilusório  
Que esbraveja ao pretório  
Com som forte e profundo

A Amazônia está morrendo  
Por força do capital  
Que vem destruindo a mata  
O maior bem continental  
Velhos tempos de colônia  
Amarelam a Amazônia  
E sua riqueza ambiental

## Assalto ao Chile

Você há de deparar-se  
Com a história chilena  
Que eleger o socialista  
Que, honesto, roubou a cena  
Do yanque oportunista  
Da América, o golpista  
Que do pobre não tem pena

Doutor Salvador Allende  
Apresento-lhe o presidente  
Elegido mui genuíno  
Por eleitor consciente  
Que da eleição apertada  
Iniciou bela jornada  
Junto com o povo valente

De ideias marxistas  
Quer o Chile progressista  
Findar a desigualdade  
É o desejo do estadista  
Vai haver reforma agrária  
Com opinião operária  
A nação está otimista

Criança pobre não tem fome  
E deve ir à escola  
Sua mãe agora pode  
Pôr mistura na sacola  
E seu pai, o operário  
Do governo um partidário  
Tem carne na caçarola  
Agora o povo recebe  
Medicina de verdade  
Taxa de analfabetismo  
Caiu mais que a metade  
Brigado, *Mi presidente*  
O povo está contente  
Com a sua lealdade



As ricas minas de cobre  
Monopólio estrangeiro  
Voltam para a mão do Estado  
Verdadeiro padroeiro  
Não adianta resmungar  
Tudo está em seu lugar  
Aceite isso, forasteiro

O gigante lá do norte  
Observa com atenção  
O país da águia insana  
Não aceita a situação  
Burguesia ofendida  
Do capital não duvida  
Mais um golpe em ação

Com o Chile soberano  
O tio Sam não se conforma  
— Na América eu mando  
Ponha um fim nesta reforma  
Basta Cuba emancipar  
E o Vietnã me surrar  
Chile, acate minha norma

— Coloquei meu dedo em riste  
Na América Latina  
Imponho minha vontade  
Desde o México à Argentina  
Calei Peru, Paraguai  
Brasil, Bolívia e Uruguai  
Sou grande ave de rapina

Com Nixon presidente  
Washington não tardaria  
Providências para o Chile  
Sufocar-lhe a economia  
— Sobretaxem o seu cobre  
Seu minério mais nobre  
Entre em contato com a CIA

E o golpe se articula  
É negada a importação  
CIA financia greve  
Dos donos de caminhão  
No mercado não tem nada  
Falta alface pra salada  
Faltam arroz e feijão

Para o Pátria y Libertad  
Bando paramilitar  
CIA destina milhões  
Pro golpe não malograr  
Fantoques capitalistas  
Ideólogos fascistas  
Vão Allende derrubar

Dia 11 de setembro  
Mil novecentos e setenta e três  
Massacraram a “via chilena”  
Com tamanha estupidez  
Tanques invadiram a rua  
Santiago ficou nua  
E perdeu sua honradez

Bombardeio ao La Moneda  
Casa presidencial  
Encurralam o presidente  
Como imenso arsenal  
Ali será seu martírio  
Por golpistas, o extermínio  
Pelo yanque, o aval

Um traidor no comando  
Presidente marionete  
Este é Augusto Pinochet  
Governante sem sinete  
Acabou a democracia  
Nova ordem à *policía*  
Arma em punho e cassete

E o Estádio Nacional  
Que, outrora, formosura  
Sob as ordens do fantoche  
É a prisão da ditadura  
Erudito e militante  
Operário e estudante  
Vão sofrer com a tortura

O chileno não esquece  
Esse pobre e triste dia  
Silenciaram-se as vozes  
Abortou-se a utopia  
Jogadas em fundo claustro  
Sem bandeira a meio mastro  
Débil glória da harpia

“Todas as janelas da casa estão meio abertas; meio”; Num domingo nublado de outono; Dum poema escrito num apartamento qualquer; Janelas; Transitivo; Deixa a palavra escorregar; Deixa a palavra escorregar II; Dia sem luz / casa caiada; O Amor é poesia física; Ímpeto madrugal (poupa de fruta de um coração por comer)

## JOSÉ VANDER VIEIRA DO NASCIMENTO

Vander Vieira é poeta e mineiro do interior, da cidadezinha de Mesquita. Filho do Luiz e da Eunice há 24 anos, escolheu viver em Vitória no já longínquo ano de 2008. Estudante de Filosofia na Universidade Federal do Espírito Santo teve, ao longo do ano de 2013, poemas publicados em sites e revistas literárias como a lusófona *Samizdat* e a piauiense *Desenredos*.

- onde existo que não existo em mim?

Mário de Sá-Carneiro

Todas as janelas da casa estão meio abertas; meio.  
Se me levantar da cama, verei ao longe um comboio  
que está a levar pra longe de mim meu coração.  
Leva meu coração, o calor do verão e memórias,  
umas verdadeiras, outras inventadas, e leva sem que eu  
[possa fazer nada para impedir;  
não há nem possibilidade de despedida.  
Janelas meio abertas, coração meio distante (a meio  
[caminho do seu destino),  
e no meio disso tudo uma vontade de juntar metades, de  
[não deixar o comboio seguir,  
de fazer um todo ser...

(sensação na alma de vaso quebrado em tantos pedaços  
[que não há como colar)

... fazer um todo ser...  
contra a vontade do mundo? contra a exaustão da vida?  
[contra o amor? até o amor...

(ela ouve meu peito de perto, tão de perto que por osmose  
[deixamos de ser metades por alguns instantes divinos)

Meu coração segue, meio vivo, meio morto, batendo em  
[sua mão.

Qual migalhas de palavras, soltas...

Trepidação que experimenta o desfalecer dos corpos  
[enquanto  
na alma tudo já são cinzas e névoas e tudo é nublado;  
atravessar essa sucursal de solidão ou esperar a cal do  
[tempo?

O coração continua batendo e alguém aperta meu peito e  
[sente-o e beija-o e cospe-o  
e drena-o e mastiga-o e bebe-o e deixa-o  
em mim ainda batendo por aparelhos.

Quantas vezes o coração explode e não se ouve a explosão  
[que o sacode?  
(estou cada dia melhor na arte de roubar frases, deixo  
metades de mim em troca de simples frases que ninguém  
se importa, deixo e passo, mas queria mesmo saber como  
roubar o esquecimento pra deixar em sua algibeira pedaços  
de minha alma a ser  
[olvidados).

Meu coração continua a bater em sua mão, e isso não é  
[metáfora alguma.  
Ó chagas d'alma, qual analgésico estancará esse *ardor*?

# Num domingo nublado de outono

*A tarde talvez fosse azul, não  
houvesse tantos desejos.*  
Carlos Drummond de Andrade

Domingo de outono nublado na alma e no tempo.  
Domingo de maio dos outros, de passeios de família dos  
[outros nos parques de domingos dos outros;  
Nesse dia qualquer, comum a todos, o meu dia é só nuvens  
[e eu mais sozinho que as parcas estrelas no céu;  
Passo o dia a olhar pro telefone, esperando a ligação de  
alguém, conjecturando conversas que nunca terei, em lugares  
e situações absurdas, abstratas – porque tudo é abstração  
quando se está só.  
O futebol, a ressaca e o não ter o que fazer nos domingos  
já não me bastam.  
Merda de angústia de sentir-se viver – logo no dia mais  
propício a se ter espaço e tempo para se pensar na angústia  
quotidiana de estar vivo, de sentir e tatear uma existência  
de valor incomensurável que escapa pelo fio dos dias –  
como goteira na torneira do

[Destino.

Os meios tecnológicos não me trouxeram nenhuma mensagem  
que desanuviasse o dia, não vi rosto de gente e o correio  
não funcionou; meu domingo não é meu.  
Que triste quem sente e pensa o sentir, isso de sentir e pensar  
e juntar as duas coisas é desassossego, errância pura.

Aposto que vou me deitar e continuarei a conjecturar possibilidades  
de vida e de acaso, quem sabe de amores.

## Dum poema escrito num apartamento qualquer

Saio da cama e vou até a cozinha:  
forço a vista para ver um pedaço de céu.  
Nesses apartamentos cubofuturistas  
ver o céu se tornou um luxo.  
Nesses céus de concreto e asfalto  
viver em apartamentos se tornou um lixo.  
Há quem afirme que sem janelas  
a felicidade não penetra a casa.  
Pobres-diabos, esses homens todos encaixotados.  
Não há vestígios de corpos nem pedaços de céu ou de  
mar:  
faltam pedaços que completem  
pontes entre margens opostas.

O céu não cabe em caixotes.  
Mas construtoras empreitam a felicidade.



## Janelas

Passarei eu a vida a olhar pela janela defronte da loja de  
[panquecas  
com uma imagem no olhar à espera da correspondência  
[física  
a tal imagem – a passar do outro lado da rua?

(Penso que essas calçadas calcadas de lembranças tão de  
amor não seriam sádicas o bastante a ponto de me colocar  
na visão imagens que não fossem de realidade)

Passarei eu meus dias a fitar num horizonte distante um sol  
[apagado –  
um sol que, sugado pela veia do tempo, secou ao pé de  
[uma mãe que chorava o filho natimudo?

(Penso que devem haver mares por navegar que tornem o  
corpo novamente apto a suportar o devir dos dias enquanto  
na alma um alento qualquer mantém acesa uma vontade  
de mais)

Passarei eu a vida a olhar por janelas de possibilidades,  
umbral de acasos, a esperar que a caminho do posto de  
[gasolina  
eu encontre comigo mesmo revestido de amor?

(Penso que... não, não quero pensar, o que eu quero é  
sentir – e passar)

# Transitivo

Um cinzeiro esconde –  
fátuo das cinzas condensadas casa afora  
em soturnas imagens embriagadas –  
um cinzeiro esconde sob a relva que o mantém intacto  
todas as pontas de cigarros já fumadas,  
todas as tentativas últimas de companhia,  
todos os solilóquios sombrios de minha alma partida  
refletida no espelho convexo – *expressionista* – fixado na  
[parede e  
algumas horas vadias onde fazer fumaça foi o modo de se  
[estar no mundo.

Essas horas vadias, as tais horas mais arco de triunfo de uns  
e as que não se medem em relógio de outros,  
essas horas de rés do chão de boteco,  
horas de gracejos lançados ao tempo,  
horas de ideias trocadas e não pensadas,  
essas horas de núpcias que congraçam o tédio,  
essas são as horas, sim, essas são as horas  
em que haver um cigarro e um cinzeiro  
é como haver sangue e veias, sim  
essas são as horas por onde escoam  
das crostas batidas de negro do cinzeiro  
todos os devires que por ele passaram enquanto,  
por devir, almas quaisquer o dispunham por perto  
para dele sugar os poros ávidos por preenchimento,  
para dele usar todo o pulmão disposto na mesa posta,  
para nele, um cinzeiro de metal rústico e velho, reluzir a  
[possibilidade  
de desafogo, uma vazão que dá nele, depois de toda correr,  
[toda ser,  
no corpo e na vida, toda pintar os órgãos de negro fosco,  
toda penetrar sem carta de apresentação,  
toda ser faca nas entranhas corpóreas e sensacionistas,  
uma faca enferrujada que mata gota a gota...

O cinzeiro é grande pra caber mais pontas de cigarro e  
[mais tempo.

Penso que ser pote, vasilha, balde, bacia, caneca, caçamba  
[ou cinzeiro é muito triste.

Colocam tudo em você, e aí, despejam...

quando você está carregado e de bom grado, despejam...

então você se sente cheio de vida ou coisa parecida, e

[despejam...

lhe enchem de adornos e benjamins, mas despejam...

e sua vida passa a ser esvaziada mais rapidamente que se é

[preenchida

e tudo só passa e você fica junto ao vazio de esperar a

[próxima cinza a ser despejada.

E o que mais pode querer da vida quem é pote de horas

[vadias gastas ao lado dum cinzeiro qualquer

[a abarcar o devir do pensamento?

## Deixa a palavra escorregar

Fui roubado  
enquanto  
dormia  
no ponto  
que  
leva  
a academia  
nem  
percebi  
era noite  
era dia  
enquanto  
dormia  
levaram  
livros  
lápiz  
lenços  
anoitecia  
em meio  
à lama  
ao caos  
ao mangue  
enegrecia  
relva  
brejeira  
que  
com fogo  
alumia  
uma corja  
de leões  
enquanto  
dormia  
roubaram  
meu tempo  
minha noite  
meu dia

pintaram  
de preto  
fantasia  
tirei  
do preto  
tinta  
pintei  
dor  
amor  
alegria  
enquanto  
embalavam  
minha sorte  
eu decidia  
que viveria  
(ou morreria)  
de poesia

## Deixa a palavra escorregar II

Analisar  
o poema  
é tirar  
do pássaro  
as penas

Esmiuçar o  
eu passarinho  
faz cair  
a ave  
do ninho

Pensar demais  
torna anêmico  
sem sangue  
sem cor:  
acadêmico

## Dia sem luz / casa caiada

Essa casa ainda não foi caiada pela solidão;  
pequenos focos de dispersão não foram capazes de  
[disseminar  
pelos vãos um gosto definitivo de falta.

Quem sabe uma aurora faça desluzir a voragem às avessas  
[que paira pelos cômodos – como o  
[bolor, paredes de novas manhãs  
(novas manhãs de outrora)  
tentam a solidificação de sua presença entre dúvidas por  
[resolver.

– qualquer hora pode ser – essa casa ainda sustenta  
(pelas frestas das janelas)  
possibilidades de gaias brincadeiras.

Uma astúcia – que não é – expulsa a bela aragem que  
– precipitando-se num lago de torpor –  
insinua ao tempo toda a sua sensualidade pueril.

Essa casa, a essa hora da manhã  
(ou qualquer outra casa, a qualquer hora ou sem hora  
[marcada)  
escancara as portas e umbrais do lago de ópio da saudade,  
e banhar-se em tal água é reconhecer que a casa e a hora  
[de pouco valem.

Acontece que a casa ainda não foi caiada em definitivo;  
a parede crua ainda espera inundações que encharquem  
seus poros – abertos – de presença.

Nessa casa, à espera de visitas que não vêm, vem a poesia  
(uma janela meio aberta, pontas de cigarro, livros)  
que embala a falta, a espera e a dor.

## O amor é poesia física

quem não ama não sofre:  
não perde noites de sono,  
não se atordoa em pensamento,  
não vive a angústia da distância,  
do tempo, da saudade...

(ah, a saudade! que sentimento cruel!  
maldita língua portuguesa!  
maldita emoção sem razão  
que vem ninguém sabe donde  
e vai em direção a um só porto:  
o que a criou, a fonte donde  
brota esse anseio irreprimível,  
que vaza, irrecuperável,  
indelicado)

quem não ama não sofre:  
vive sem sofreguidão  
como num filme sem guião;  
os odores, imagens ou palavras  
não remetem a nada,  
não são nada a não ser o que são;  
nada de símbolos!  
nem se calhar.

-----

mas às vezes calha de amar:  
aí não tem jeito:  
o céu, o sol, o mar  
tudo fica reduzido a detalhes  
e retalhos de imagens, palavras  
símbolos e odores:  
tudo remetendo ao mesmo ser



quando calha de amar  
há uma precipitação metafísica  
do espírito que quer transbordar  
e pular fora da margem  
e viver só de um sentimento  
entre outros tantos sentimentos

quando pulula o coração de amar  
o homem descobre  
que a tão gasta expressão:  
*um aperto no peito*  
não tem nada de licença poética,  
não é fingimento, lírica ou romantismo:  
é coisa física que arde, dói,  
não pede licença  
mas conforta e apraz  
demasiadamente;  
um doce azedume...

O amor é poesia física.

# Ímpeto madrugal

(poupa de fruta de um coração por comer)

A cabeça pensa sem dar por isso,  
Os olhos cerram e a mesma imagem é criada e recriada,  
um mesmo símbolo, uma mesma ideia  
vagueia solta por fora de nexos, em recôncavos hibernados,  
hortos sombrios.

O jovem diz: “é depois de hibernar que os ursos vão à  
caça; é depois de sono profundo que eles se dão com vigor  
à busca, se dispondo numa disposição demorada.”

Morar. Sem dar por isso.  
Ficar. Sem ir ter com isso.

Num curso contingente de bolhas do acaso que dançam e  
rodopiam pela árvore possibilital das bifurcações possibi-  
litantes, veio a noite e disse: ai de você! se não aproveitar:  
um *rolling stones* de entrada, um conhecer na saída.

E foi justamente o conhecer que deu início ao poema: a ca-  
beça pensando e os olhos cerrando, imagem na tela, flash!  
faz meu coração ao avistar a imagem mais pedida na tela  
óptica de minhas retinas ainda não tanto fatigadas.

Esboço fotográfico de uma tela por fazer.

Passam-se 5 minutos. Na minha cabeça, borbulham coisas: dormir, fumar, trabalhar, ler, poetar... são coisas... tudo é uma questão de escolha, aposta... e tudo é menos, sim, menos, que a imagem, simples fagulha simbólica, que me põs de pé defronte da tábua que chamo mesa, a escrever palavras que amanhã não caberia mais escrever, pois é agora que digo, ímpeto madrugal dum coração de vidro pintado, bebedor de vinho e de vida, menor e maior, se calha, digo agora por agora sentir.

Amanhã posso estar mais preocupado com o futebol ou com os artigos a escrever, hoje não. Amanhã todas as matemáticas do ter-de-ser podem afligir minha alma, hoje não. Amanhã, quem sabe, todo o caminho que eu venho desconstruindo nos últimos anos pode, ele também, ser desconstruído, hoje não.

Ah, que sentimento de fusão abrasadora! (digo a murmurar aos pés de seus ouvidos)  
Ah, controle seus arroubos amorosos! (digo a mim mesmo, de dentro de meus ouvidos)  
Que imagem! Que olhar!  
Nada mais a escrever.

Esta publicação foi composta utilizando-se as  
famílias tipográficas Optima e Special Elite.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que  
não seja para qualquer fim comercial.

